

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA



A literatura egípcia do Império Médio: espelho de uma civilização

II volume
(Anexos)

Telo Ferreira Canhão

Doutoramento em História
(História Antiga)

2010

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA



A literatura egípcia do Império Médio: espelho de uma civilização

II volume
(Anexos)

Telo Ferreira Canhão

Doutoramento em História
(História Antiga)

Tese orientada pelo Professor Doutor Luís Manuel de Araújo
(Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

2010





ÍNDICE

| | |
|---|------------|
| Índice | 3 |
| IV – Anexo documental | 5 |
| Introdução | 7 |
| Convenções | 15 |
| 1. <i>Khufu e os Mágicos</i> | 21 |
| 1.1. Proveniência, datação e localização dos manuscritos. Sinopse | 23 |
| 1.2. Texto hieroglífico, transliteração e tradução comentada | 29 |
| 2. <i>História de Sinuhe</i> | 77 |
| 2.1. Proveniência, datação e localização dos manuscritos. Sinopse | 79 |
| 2.2. Texto hieroglífico, transliteração e tradução comentada | 87 |
| 3. <i>Conto do Náufrago</i> | 133 |
| 3.1. Proveniência, datação e localização dos manuscritos. Sinopse | 135 |
| 3.2. Texto hieroglífico, transliteração e tradução comentada | 139 |
| 4. <i>Conto do Camponês Eloquente</i> | 159 |
| 4.1. Proveniência, datação e localização dos manuscritos. Sinopse | 161 |
| 4.2. Texto hieroglífico, transliteração e tradução comentada | 169 |
| 5. <i>As Admoestações de Ipu-uer</i> | 243 |
| 5.1. Proveniência, datação e localização dos manuscritos. Sinopse | 245 |
| 5.2. Texto hieroglífico, transliteração e tradução comentada | 251 |
| 6. <i>Diálogo de um Desesperado com o seu ba</i> | 303 |
| 6.1. Proveniência, datação e localização dos manuscritos. Sinopse | 305 |
| 6.2. Texto hieroglífico, transliteração e tradução comentada | 313 |
| 7. <i>As Profecias de Neferti</i> | 329 |
| 7.1. Proveniência, datação e localização dos manuscritos. Sinopse | 331 |
| 7.2. Texto hieroglífico, transliteração e tradução comentada | 337 |
| 8. <i>As Lamentações de Khakheperréseneb</i> | 361 |
| 8.1. Proveniência, datação e localização dos manuscritos. Sinopse | 363 |
| 8.2. Texto hieroglífico, transliteração e tradução comentada | 369 |



| | |
|--|------------|
| 9. <i>Ensino de Amenemhat I ao seu filho Senuseret</i> | 381 |
| 9.1. Proveniência, datação e localização dos manuscritos. Sinopse | 383 |
| 9.2. Texto hieroglífico, transliteração e tradução comentada | 393 |
| 10. <i>Ensino Lealista</i> | 413 |
| 10.1. Proveniência, datação e localização dos manuscritos. Sinopse | 415 |
| 10.2. Texto hieroglífico, transliteração e tradução comentada | 423 |
| 11. <i>Ensino de Kheti</i> | 439 |
| 11.1. Proveniência, datação e localização dos manuscritos. Sinopse | 441 |
| 11.2. Texto hieroglífico, transliteração e tradução comentada | 449 |
| 12. <i>Hinos ao rei Senuseret III</i> | 479 |
| 12.1. Proveniência, datação e localização dos manuscritos. Sinopse | 481 |
| 12.2. Texto hieroglífico, transliteração e tradução comentada | 485 |
| Bibliografia | 497 |



IV – ANEXO DOCUMENTAL





Introdução



INTRODUÇÃO





Traduções integrais destes textos há várias, algumas mesmo centenárias, mas são de egípcio hieroglífico, ou do hierático, para alemão, inglês, francês, italiano... Numa lista longe de se esgotar, os maiores nomes da filologia, da literatura egípcia e da egiptologia em geral, encontram-se ligados a elas: Richard Lepsius, Gaston Maspero, Charles Goodwin, Adolf Erman, Émile Suys, Aylward Manley Blackman, Wladimir Semionovitch Golénischeff, Kurt Heinrich Sethe, Winfried Barta, Hellmut Brunner, Alan Gardiner, Gillian Vogelsang, Georges Posener, Gustave Lefebvre, Pascal Vernus, Sérgio Donadoni, Hans Goedicke, Wolfgang Helck, Jan Assmann, Eric Hornung, William Kelly Simpson, Miriam Lichtheim, John Baines, Kenneth A. Kitchen, Raymond O. Faulkner, W. Vivian Davies, António Loprieno, James Peter Allen, Richard B. Parkinson. Mas para português, directamente das fontes hieroglíficas, por vezes com recurso ao hierático, de forma paralela e transparente, não há nenhuma.

Alguns dos mais recentes investigadores portugueses na área da egiptologia, ou que com ela se cruzaram, dos que mais prezamos no meio académico, José Nunes Carreira, Luís Manuel de Araújo, José das Candeias Sales ou Rogério Ferreira de Sousa, ou porque não dominam o médio egípcio, conforme refere o primeiro¹, ou, quando o dominam, seguem outra orientação para os seus estudos, não tendo necessidade de consultarem sistematicamente as fontes hieroglíficas, normalmente impressas, e muito menos as hieráticas que surgem fac-similadas nas obras de alguns egiptólogos. De uma forma geral, apresentam traduções de conceituados filólogos estrangeiros, sem necessidade mesmo de, em grande parte das vezes, usarem as traduções integrais dos textos literários egípcios. Pretendemos fazer aquilo que os mais destacados egiptólogos muitas vezes fazem, acrescentando sempre algo de novo, seguindo no fundo as palavras de Pascal Vernus no *avant-propos* do seu trabalho *Sagesse de l'Égypte pharaonique*: «É para suprimir esta triste lacuna das edições francesas que eu quis dar o meu contributo, juntando ao *corpus* das sapiências alguns textos aparentados, senão pela forma, pelo menos pelo tom e pelos temas tratados. Não se trata evidentemente de traduzir as traduções inglesas ou alemãs já existentes, mas de proceder a um reexame original das fontes»².

Longe de nós pensar que estamos a oferecer a quem nos lê um produto final. Procurou-se a perfeição, mas também sabemos o que é a utopia! Pretendemos ser um ponto de partida e não um ponto de chegada, no intuito de servir a comunidade científica portuguesa o melhor possível dando-lhe o que ela não tem para que possa desenvolver outros estudos a partir daqui. E quando no futuro, breve ou longínquo, alguém, dos que já cá estão ou dos que hão-de vir,

¹ «Fiquemos com a disposição gráfica, não dos originais egípcios que me são vedados, mas dos tradutores credenciados que nos transmitiram», J. N. CARREIRA, *Literatura do Antigo Egipto*, p. 36.

² P. VERNUS, *Sagesses de l'Égypte pharaonique*, Paris, Imprimerie National Éditions, 2001, pp. 7-9.



apontar e justificar outro caminho, outra possibilidade, uma divergência, uma discrepância ou, simplesmente, outra opinião, damos por bem empregue o nosso esforço. É que, à ideia facilmente partilhável do filósofo Hans-Georg Gadamer, de que «toda a tradução é sempre uma interpretação»³, Umberto Eco acrescenta que uma tradução é sempre antecedida de uma interpretação, porque, «de facto, os bons tradutores antes de começarem a traduzir, passam muito tempo a ler e a reler o texto, e a consultar todos os subsídios que possam consentir-lhes entender de modo mais apropriado passagens obscuras, termos ambíguos, referências eruditas – ou então (...), alusões quase psicanalíticas»⁴. Sendo uma tarefa que procuramos cumprir com objectividade, com uma tal carga de subjectividade, cada qual pode muito bem ter a sua própria opinião. Uma vez tirarão a razão a quem pensou de outra maneira, outras vezes serão opiniões perfeitamente coabitáveis.

Mas Umberto Eco não fica por aqui e chama-nos a atenção para o que entende por «fidelidade» das traduções: «A conclamada “fidelidade” das traduções não é um critério que leve à única tradução aceitável (...). A fidelidade é antes a tendência para crer que a tradução é sempre possível se o texto-fonte tiver sido interpretado com apaixonada cumplicidade, é um empenho em identificar o que para nós é o sentido profundo do texto, e a capacidade de negociar a cada instante a solução que nos parece mais certa»⁵. É que «uma tradução não diz respeito só a uma passagem entre duas línguas, mas sim entre duas culturas, ou duas enciclopédias. Um tradutor não deve ter apenas em conta as regras estreitamente linguísticas, mas também elementos culturais, no sentido mais amplo do termo»⁶. Um tradutor deve «compreender o sistema interno de uma língua e a estrutura de um texto dado nessa língua, e construir um duplo do sistema textual que, sob uma certa descrição, possa produzir efeitos análogos no leitor, tanto no plano semântico e sintáctico, como no estilístico, métrico, fonossimbólico, e quanto aos efeitos passionais para que tende o texto-fonte»⁷. Até porque «as nossas fantasias de interpretação deixam intactos os próprios textos, que sobrevivem aos nossos comentários»⁸, podendo qualquer outra pessoa voltar a pegar neles e partir da sua pureza original.

Além disto, como diz Vasco Graça Moura, dramaturgo, ensaísta e tradutor, distinguido por unanimidade com o Prémio de Tradução de 2007 do Ministério da Cultura italiano, que

³ U. ECO, *Dizer Quase a Mesma Coisa Sobre a Tradução*, p. 239; cf. R. B. PARKINSON, *Poetry and Culture*, p. 38.

⁴ U. ECO, *Dizer Quase a Mesma Coisa Sobre a Tradução*, pp. 255-256.

⁵ U. ECO, *Dizer Quase a Mesma Coisa Sobre a Tradução*, p. 376.

⁶ U. ECO, *Dizer Quase a Mesma Coisa Sobre a Tradução*, p. 167.

⁷ U. ECO, *Dizer Quase a Mesma Coisa Sobre a Tradução*, p. 15.

⁸ Marguerite Yourcenar cit. em R. B. PARKINSON, *Poetry and Culture*, p. 36.



atribui anualmente este prémio ao melhor tradutor estrangeiro de obras italianas, «as traduções envelhecem, o que, só por si, justifica modalidades de apoio à sua renovação regular. É uma das razões por que se justifica serem feitas de novo em relação a muitas obras, em especial as que vão ingressando no cânone clássico. Há também traduções que, sem nalguns casos se poder dizer propriamente que envelheceram, também são ultrapassadas por outras suas contemporâneas. Até porque não há traduções a papel químico. *Dire quase la stessa cosa*, para recorrer a um título de Umberto Eco, não é *dire la stessa cosa*... E além disso, cada tradutor tem uma relação diferente com a língua que utiliza e uma interpretação não necessariamente coincidente do texto que traduz. [...] o tradutor é muito sensível à relação da língua em que escreve com a sua própria contemporaneidade e com os seus códigos predominantes»⁹.

É por tudo isto que apresentamos uma tradução mais literal neste anexo documental, mostrando em paralelo o texto hieroglífico, procurando uma maior aproximação à estrutura e vocabulário da língua egípcia e cativando a ânsia de saber e compreender dos mais eruditos. Uma leitura mais literária ficou já feita na antologia, num compromisso da língua, do pensamento e da cultura egípcia com a língua, o pensamento e a cultura portuguesa, procurando satisfazer não só os eruditos como todos aqueles que procurem simplesmente uma componente lúdica e hedonista. Antecedendo cada texto introduzimos pequenos capítulos com o intuito de apresentar as suas fontes e uma sinopse do respectivo texto. Como neste anexo apresentamos os textos corridos sem qualquer indicação de pontuação ou de sintaxe, tal como aparecem nos papiros ou noutras fontes, no fim do primeiro volume incluímos a leitura dos textos egípcios em escrita transliterada, com as frases gramaticalmente organizadas. Não *cólon* a *cólon*, mas em versos que podem ter um, dois ou três *cola*, correspondentes à tradução portuguesa apresentada na antologia.

A selecção dos textos teve como primeira baliza o facto de serem todos do Império Médio, ou, melhor, o facto dos originais de todos eles poderem ser remetidos para o Império Médio, em particular para a XII dinastia, ainda que abordando temas anteriores ou cujas cópias conhecidas sejam posteriores. Portanto, dando mais valor à época em que o texto foi imaginado e escrito pela primeira vez, ou seja, à sua datação histórica, do que à datação literária, isto é, à datação da época histórica na qual se desenvolve a acção. Em segundo lugar, na impossibilidade de pegar em todos os textos, basicamente devido a questões de tempo, observámos as divisões que vários autores fizeram dos textos e da literatura em geral¹⁰, e fizemos a nossa opção tendo

⁹ V. G. MOURA, «Tradução literária e passagem do tempo», em *Diário de Notícias*, 29 de Abril de 2009, p. 54.

¹⁰ J. N. CARREIRA, *Literatura do Antigo Egipto*, p. 7; L. M. ARAÚJO, *Mitos e Lendas do Antigo Egipto*, pp. 9-10; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, pp. v-vi; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, pp. ix-xi; R.



por base a simplicidade de critérios: contos, discursos, ensinamentos e hinos. Nos contos incluímos *Khufu e os Mágicos*, *A História de Sinuhe*, *O Naufrago*, *O Conto do Camponês Eloquente*; nos discursos *As Admoestações de Ipu-uer*, *Diálogo de um Desesperado com o seu ba*, *As Profecias de Neferti* e *As Lamentações de Khakheperréseneb*; nos ensinamentos *O Ensino de Amenemhat I ao seu filho Senuseret*, *Ensino Lealista* e *O Ensino de Kheti*; finalmente, nos hinos, entre os vários que chegaram até nós datados do Império Médio, optámos por apenas incluir os de um rei que imaginamos poder ter estado bastante comprometido com a literatura do seu tempo: *Hinos ao rei Senuseret III*. É evidente que fosse qual fosse a opção, ela seria sempre subjectiva, mas julgamos ter optado pelos textos mais ricos de conteúdo e suficientemente representativos da sua época.

Conjugada com este factor, teve influência também a maior facilidade na obtenção de cópias fac-similadas dos papiros destas obras ou de fotografias suas. Assim, seguindo M. Lichtheim, abrangemos todos os contos e toda a literatura didáctica do Império Médio. Juntámos-lhe um de cinco hinos possíveis (os outros eram: *Três canções de Harpista*, *Hino à Coroa Vermelha*, *Hino a Osíris*, *Hino a Min* e *Hino a Hapi*). No que respeita às inscrições monumentais, a Estela de Sehetepibré mostrou-se um paradigma incontornável na tradução do *Ensino Lealista*. Poderíamos ter abordado mais seis: Estela de pedra de Mentuhotep IV, Inscrições de parede de Senuseret I, Estela de Senuseret III, Estela de Antef filho de Senet, Estela de Ikhnofert, Estela de Horemkhauf)¹¹. Já no que se refere a R. Parkinson, apenas não abordámos o *Ensino do vizir Ptahhotep* e o *Ensino para o rei Merikaré*¹², que M. Lichtheim inclui no Império Antigo, o primeiro, e no Primeiro Período Intermediário, o segundo. De uma forma geral os outros investigadores ou são pouco precisos na inclusão dos textos em parâmetros cronológicos, ou põem totalmente de lado este tipo de arrumação e preferem uma ordenação temática, juntando textos de várias épocas.

Em virtude desta divisão, a nossa arrumação dos textos obedeceu em primeiro lugar ao grupo temático segundo a ordem antes enumerada: contos, discursos, ensinamentos e hino. Em segundo lugar, dentro de cada grupo procurámos o equilíbrio e a harmonia entre aspectos temáticos e cronológicos, sem deixarmos de considerar que há uma certa ambiguidade no que se entende por ordem cronológica para estes textos.

B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. vii; J. L. FOSTER, *Ancient Egyptian Literature*, pp. ix-x; A. ERMAN, *Ancient Egyptian Poetry and Prose*, pp. xiii-xvii; P. VERNUS, *Chants d'amour de l'Égypte antique*, pp. 13-16; C. LALOUETTE, *Contes et récits de l'Égypte ancienne*, pp. 235-237; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, pp. VII-IX; P. GRANDET, *Contes de l'Égypte ancienne*, pp. 195-196.

¹¹ M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, pp. ix-xi.

¹² R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. vii.



A observação de diversos papiros, tabuinhas e óstracos, serviu mais para a sua descrição do que para a sua leitura, uma vez que não dominamos a escrita hierática¹³. Contudo, com a ajuda das obras de H. Goedicke, *Old Hieratic Paleography* e de M. C. Betrò, *Geroglifici. 580 Segni per Capiri l'Antico Egitto*, que apresentam os hieróglifos e a respectiva evolução cursiva, pudemos ainda assim esclarecer pequenas questões.

¹³ Modernamente os estudos de egiptologia iniciam-se pela escrita hieroglífica. No Egipto faraónico os estudantes iniciavam-se através da escrita cursiva que depois iriam aplicar quotidianamente nas suas actividades administrativas, jurídicas, literárias ou outras. A escrita hieroglífica era aprendida posteriormente através de estudos especializados, normalmente realizados nas «casas de vida» e destinados àqueles que se preparavam para exercer funções sacerdotais, sendo por isso o topo da cultura de qualquer letrado (P. VERNUS, «Les espaces de l'écrit dans l'Égypte Pharaonique», pp. 37 e 39).



INTRODUÇÃO





Convenções



CONVENÇÕES










1. Como era vulgar nos papiros egípcios antigos, todos os papiros utilizados nesta dissertação, estão escritos em linhas e colunas, e a sua leitura orienta-se da direita para a esquerda. À semelhança de trabalhos idênticos, para facilitar a compreensão da transliteração e da tradução portuguesa, colocadas em paralelo com a escrita hieroglífica, apresentamos todos os textos hieroglíficos apenas em linhas e orientados da esquerda para a direita.
2. De uma forma geral, a contagem de páginas e linhas é assinalada e numerada no início de cada uma, através de sinais do tipo $\begin{smallmatrix} 3.1 \\ \top \end{smallmatrix}$, colocados superiormente, em que o primeiro número refere a página e o segundo a linha dessa página.
3. Sempre que seja utilizado mais do que um manuscrito, surgirão na margem esquerda dos textos hieroglíficos indicações respeitantes ao início da utilização de cada manuscrito, e também mudanças de recto para verso.
4. O *Ensinamento Lealista* apresenta-se como um caso particular. Na margem esquerda do texto hieroglífico surgirão informações que correspondem, tanto quanto possível, à indicação dos manuscritos utilizados em cada momento. O tipo de contagem de linhas hieroglíficas utilizado em todos os outros textos não é possível neste, uma vez que ele foi reconstituído através da junção de diferentes e múltiplos documentos e para cada linha hieroglífica são indicados, normalmente, vários documentos. Essa informação está colocada segundo a ordem de utilização em cada linha, com referência à obra de G. Posener. Em lugar da contagem de linhas usaremos a divisão que Posener fez em parágrafos, por sua vez divididos em frases, com três pequenas alterações nos parágrafos 1, 8 e 9. Não utilizaremos a separação estela/cópias cursivas de Posener, ou versão curta/versão longa de Vernus, mas apresentaremos apenas um texto que resulte o mais completo possível. Contudo deixamos uma chamada de atenção para o facto de poderem existir diferentes traduções, que dependem da selecção de fontes efectuadas. Pelo nosso lado, privilegiaremos a *Estela de Sehetepibré* enquanto possível.
5. G. M40, G. A1 ou G. G39, significam: caracter da lista de Gardiner M40, A1 ou G39. Excepcionalmente surgirá também a abreviatura *H.* (*Hieroglyphica*) antecedendo o número de um caracter¹⁴.
6. O *Glyph 1.2 for Windows (WinGlyph)* permite colocar sobre os signos de decifração

¹⁴ A. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 438-548; N. GRIMAL, J. HALLOF, D. VAN DER PLAS (eds.), *Hieroglyphica*.



duvidosa ou incerta os traços oblíquos e paralelos () mas, por vezes, a deterioração de espaços de reduzida dimensão (1 ou 2/4 de um caracter num grupo de três ou quatro caracteres, por exemplo) não pode ser assinalada. De qualquer modo, através do que resta em bom estado, estes caracteres são facilmente reconhecíveis. Como o nosso estudo não trata da decifração dos papiros mas da transliteração e tradução dos hieróglifos, julgamos poder prescindir destas pequenas perdas pondo a tónica no cruzamento das diversas opiniões dos especialistas, de modo a obtermos uma transliteração e uma tradução o mais de acordo possível com o contexto e com o cotexto.

7. No texto hieroglífico, um hieróglifo com um ponto de interrogação  representa um caracter incerto mas provável;  representa uma área deteriorada; ^{c.4}  uma área deteriorada mais extensa, com a indicação da estimativa do número de caracteres ou grupos de caracteres perdidos. Para uma melhor compreensão de algumas passagens, dentro dos sinais < > aparecem hieróglifos ou palavras omissas no manuscrito, bem como hipóteses de restauro, contudo, nalguns casos, sobretudo quando é apenas um ou dois caracteres, por comparação com outras passagens, foram colocados sob uma área deteriorada. Na transliteração, as reticências [...] indicam a impossibilidade de transliterar uma ou mais palavras devido à existência de um ou vários caracteres ilegíveis; os parêntesis rectos [] com algo escrito, apresentam propostas de solução para essas situações. Na tradução, os parêntesis rectos [] ou encerram a tradução mais provável para os espaços não transliterados, ou a explicitação de afirmações menos claras; os parêntesis curvos () contêm palavras que, embora não sendo expressas no texto hieroglífico, são subentendidas pelo contexto; as chavetas { } serão usadas quando houver caracteres, palavra, frase ou outro sinal excedentário. Seguindo o exemplo de egiptólogos como K. Sethe, A. Erman ou Lefebvre, algumas partes poderão ser reconstituídas por comparação com outras passagens do mesmo papiro ou «por comparação com obras mais recentes, representando-se o que estaria aí»¹⁵.
8. Nalguns textos, em particular no *Ensinamento de Kheti*, mantemos tanto quanto possível a transliteração em conformidade com o que está no texto hieroglífico que seguimos. Mas porque algumas frases seriam totalmente incompreensíveis, fazemos a tradução já corrigida, esclarecendo em nota de rodapé as opções tomadas.
9. Os textos hieroglíficos não separavam as palavras com espaços, nem apresentavam

¹⁵ G. LEFEBVRE, *Romans et Contes*, p. 70.



quaisquer marcas de pontuação; na escrita hierática surgem, em bastantes e diversificados manuscritos, pequenos pontos encarnados que separam conjuntos de palavras gramaticalmente organizadas. Possivelmente eram usados como ajudas para a correcta respiração que uma boa leitura exige ou então como marcas gráficas de versos compostos por dois ou três cola cada. Em qualquer dos casos, separam conjuntos de palavras gramaticalmente organizadas. Sempre que os encontrámos nos manuscritos utilizados, fizemos o seu registo. Contudo, a pontuação que apresentamos na tradução portuguesa, deriva da junção de uma vertente mais objectiva, a estrutura gramatical, com outra mais subjectiva, a percepção do tradutor.

10. As frases a encarnado reproduzem o original, correspondendo nuns casos a palavras de abertura, noutros a palavras que iniciavam novas secções, e noutros ainda serviam para introduzir as falas dos intervenientes. De um modo geral, como refere Hornung, «a escrita cursiva serve-se sempre da cor encarnada para articular e sublinhar»¹⁶. Por este motivo mantivemos a cor encarnada tanto na transliteração como na tradução, uma vez que facilita também a orientação na leitura.
11. Ao longo da tradução, todas as chamadas de nota, quer digam respeito ao texto hieroglífico, quer à sua transliteração ou tradução, aparecem nos respectivos lugares mas concentradas na linha de tradução. As respectivas explicações, tal como no restante trabalho, aparecem concentradas no final do capítulo.

¹⁶ E. HORNUNG, *L'Esprit du Temps des Pharaons*, p. 15.



CONVENÇÕES

